

LER, INTERPRETAR E AGIR: UM CÍRCULO DE CULTURA FORA DO EIXO¹

Juarez Tadeu de Paula Xavier (Brasil),²
Patrícia Alves de Matos Xavier (Brasil).³

Resumo.

O Círculo de Cultura do coletivo cultural “Fora do Eixo Bauru” proporciona a possibilidade de os/as membros estabelecerem diálogos com a sociedade, em espaços coletivos aprendentes – presenciais e digitais -, que buscam a construção do conhecimento, para a intervenção social e cultural no território criativo das cidades grandes, médias e pequenas. Este artigo procura contribuir com a reflexão sobre a organização dos Círculos de Cultura como espaço de construção de conhecimento coletivo, aplicado à ação cultural em territórios criativos.

Palavras-chave.

Círculo de Cultural; Coletivo Cultural; Território Criativo; Arranjos Produtivos Locais de Cultura; Espaço Aprendente.

CONVERGÊNCIA APRENDENTE – PRESENCIAL E DIGITAL

Os Círculos de Cultura são espaços de convergência de criação quando promovem a intersecção entre os territórios criativos da cultura nos coletivos de culturais, espaços que se caracterizam pela produção material e imaterial dos sujeitos históricos. Eles se convertem em espaços aprendentes da gestão de processos, pessoas e recursos, com a leitura, interpretação e intervenção na realidade social. Essas ações que articulam o diálogo entre os territórios, consolidam esse ponto de convergência, como um novo espaço aprendente.

Segundo Paulo Freire (1967), os Círculos de Cultura são espaços de diálogo propícios para o exercício da consciência crítica. Para FREIRE, o homem ao se relacionar com a realidade capta seus “nexos causais” o que implica compreensão da realidade, uma consciência. A consciência crítica é verdadeira quando há a compreensão das correlações causais e circunstanciais da realidade. “Por isso é que é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade” (FREIRE, 1967, p. 105). Os Círculos de Cultura constituem um espaço dialogal e participativo que valoriza a comunicação de onde emerge a consciência crítica e o “quefazer” que potencializam as ações críticas dos sujeitos.

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. [...]. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam [...] se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1967, p.107).

Nos Círculos de Cultura os sujeitos trocam informações, e refletem sobre as possibilidades de interpretação e intervenção na realidade social. A esse respeito Brandão (1981) afirma:

“De cultura”, porque, muito mais do que o aprendizado individual [...] o que o círculo produz são modos próprios e novos, solidários, coletivos, de pensar. E todos juntos aprenderão, de fase em fase, de palavra em palavra, que aquilo que constroem é uma outra maneira de fazer a cultura que os faz, por sua vez, *homens, sujeitos, seres de história* – palavras e ideias-chave no pensamento de Freire (BRANDÃO, 1981, p.44).

Esses sujeitos elegendos os temas mais importantes, problematizam e criam uma forma de intervenção e transformação da realidade observada, pois “quanto mais a problematização avança e os sujeitos descodificadores se adentram na “intimidade” do objeto problematizado, tanto mais se vão tornando capazes de desvela-lo” (FREIRE, 1981, p.49). Para o educador, esse processo cria a possibilidade de revisitar as certezas que refletiam uma realidade estática – estágio anterior ao da consciência crítica – estimulando os sujeitos para a construção de novos saberes e possibilidades de intervenção na realidade quando se relacionam *no* e *com* o mundo.

Os Círculos de Cultura promovem o diálogo entre os diversos sujeitos que os articulam, ressignificam os saberes e constroem conhecimentos, de forma coletiva e colaborativa. Eles são espaços aprendentes e de produção de cultura desses sujeitos históricos.

Este artigo procura contribuir com a reflexão sobre a organização dos Círculos de Cultura como espaço de construção de conhecimento coletivo, aplicado à ação cultural em territórios criativos.

TERRITÓRIOS CRIATIVOS – ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS.

Os territórios criativos da cultura são formados por organizações, instituições e espaços de produção de conhecimento cultural. Nesses espaços são atores os homens na sua ontológica vocação de serem sujeitos em sua autorreflexão e na reflexão sobre seu espaço e seu tempo, são seres de relação (FREIRE, 1967 p.36-39). No espaço urbano, esses territórios são ocupados por ateliers criativos de produtos, processos e serviços de cultura, próteses tecnológicas digitais e analógicas.

Para o geógrafo Milton Santos (2001), esse processo de ocupação territorial é complexo e contraditório. Ele cria a possibilidade de múltiplas leituras do real. Leituras como fábula, leituras como perversidade e leituras como possibilidades.

Nos Círculos de Cultura esses conceitos são revisitados e ressignificados pelos sujeitos aprendentes. O estágio da fábula se apresenta como a da visão de mundo que cada sujeito traz para o círculo de diálogo. No estágio da perversidade, as visões de mundo de cada sujeito são problematizadas no coletivo aprendente. No terceiro estágio, como fruto do diálogo e da confrontação de visões de mundo, se revelam como possibilidades as intervenções futuras dos sujeitos aprendentes desse coletivo, caracterizado como Círculo de Cultura.

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização (SANTOS, 2001, p. 18).

Conceitos fundamentais da reflexão de SANTOS (2001) podem ser eleitos como temas geradores, e reinventados pelos agentes aprendentes, tais como “unicidade técnica”, “convergência dos momentos”, “motor único” e “cognoscibilidade do planeta”.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico (SANTOS, 2001, p.20).

A unicidade técnica é a malha de tecnologia – analógica e digital – que se desenvolve em um determinado espaço territorial. Ela forma uma ecologia digital que permite aos

agentes a capturação, edição e difusão de elementos culturais e simbólicos, em ateliers criativos, formados por coletivos de cultura.

As conexões desses ateliers criativos permitem a convergência de momentos virtuais – espaços digitais de trocas de informações – com os momentos históricos – espaços reais de construção coletiva de conhecimentos. Essa articulação entre os dois momentos amplia os espaços aprendentes, com a apropriação dos diversos segmentos sociais das tecnologias digitais capilarizadas, o alargamento dos espaços de leitura, interpretação e intervenção, e a ampliação do diálogo entre os diversos agentes aprendentes.

Os investimentos concentrados em tecnologia – motor único – formam as regiões concentradas (SANTOS, 2001), ocupadas por próteses digitais e analógicas, espaços propícios para a troca de informações de agentes aprendentes – em espaços físicos e digitais – e a construção coletiva da cognoscibilidade do planeta, de forma vertical – aprofundada – e de forma horizontal – ampliada.

No cenário constituído pelos Círculos de Cultura presencial e digital os sujeitos históricos aprendentes produzem novos conhecimentos de gestão de processos, pessoas e recursos, materiais e imateriais, nos espaços de intersecção dos diversos territórios criativos de cultura.

CÍRCULO CONVERGENTE DA CULTURA FORA DO EIXO.

Em Bauru, o coletivo de cultura “Fora do Eixo” é um ponto de conexão que se caracteriza como um círculo de cultura, nos seus aspectos fundamentais, com experiências presenciais e digitais. Esse ponto de conexão atua como protagonista na articulação dos arranjos produtivos locais de cultura (APLc) e das cadeias produtivas de produtos, serviços e processos criativos na cidade. Suas operações se estendem para arranjos culturais, em várias linguagens, das mais tradicionais às mais recentes.

Circuito Fora do Eixo é uma rede de trabalhos concebida por produtores culturais das regiões centro-oeste, norte e sul no final de 2005. Começou com uma parceria entre produtores das cidades de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR), que queriam estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologia de produção e o escoamento de produtos nesta rota desde então batizada de "Circuito Fora do Eixo". [...] Hoje o Circuito Fora do Eixo está em 25, das 27 unidades federativas do Brasil. O sul, o centro-oeste, o sudeste e o norte são regiões totalmente associados, já que contam com todos os estados inclusos (FORA DO EIXO).⁴

Nascido “Enxame Coletivo”, as ações do Fora do Eixo Bauru é extensiva e capilarizada. Enxame Coletivo é um empreendimento solidário de comunicação e cultura atuante no campo da cultura independente. O coletivo existe desde dezembro de 2009 e sediado em Bauru (SP). Baseia-se na lógica de trabalho colaborativo e utiliza ferramentas de internet e conceitos de economia solidária para realizar eventos, fomentando e promovendo alternativas à cultura local. [...] é ligado a maior rede de cultura livre do país - o Circuito Fora do Eixo [...] com efetiva participação em debates, listas de discussão e encontros presenciais em festivais, turnês e congressos, no estado e em outras regiões nacionais (ENXAME COLETIVO).⁵

Seus projetos estimulam inovações em gestões de processos, pessoas e recursos, marca dos projetos que têm suas presenças no município, como a “Semana de Audiovisual” [SEDA]⁶, realizado em pontos da cidade, centrais e periféricos, e o festival de música independente, CANJA⁷, que faz parte de uma rede de festivais de bandas independentes, espalhados por todos os estados da federação.

Como gestores de projetos culturais, os inovadores do coletivo contribuem para o fortalecimento do cenário independente – em diversas linguagens e plataformas culturais -, e a formação de novos públicos, para além do mercado de cultura. Mercado coordenado pelos arranjos produtivos locais de cultura e bens simbólicos monopolistas e centralizadores da criação, capturação, edição e difusão de produtos, serviços e processos culturais hegemônicos.

INTERVENÇÃO NO TERRITÓRIO CRIATIVO DA CIDADE.

O coletivo Fora do Eixo lê, interpreta e intervém no território criativo da cidade de Bauru. Suas ações propositivas imprimem digitais em todas as topografias da cidade, em seus vários projetos culturais.

O Fora do Eixo contribuiu para a consolidação de uma leitura crítica sobre a gestão dos processos culturais locais, como nos debates que aqueceram a construção do Conselho Municipal de Cultural, em articulação com o poder público local e com organizações culturais da sociedade civil e de setores organizados na cultura.

O debate estimulou a reflexão coletiva e contribuiu para indicar novos desafios, como o ingresso no Sistema Nacional de Cultura – SNC⁸ -, instrumento de política pública inclusiva do governo federal, que investe na pluralidade cultural, formação de novos produtos e novos públicos, alinhada à visão do Ministério da Cultura e da Secretaria Nacional de Economia Criativa.

Uma das principais características dos projetos é a de formação de novos operadores, produtores culturais e fruidores, em todas as etapas do ciclo criativo: elaboração, planejamento, análises, construção de plano, execução de funções e mecanismos de mensuração dos resultados. Cada etapa procura desenvolver ferramentas específicas, dentro do conceito de “tecnologias sociais”, processos inovadores construídos de formas coletivas, e colocados à disposição dos atores sociais.

Esse processo impulsiona a ampliação progressiva de protagonistas em redes horizontais, articuladas e capilarizadas em bairros centrais e periféricos, mais qualificados nos planos intelectuais, conceituais, técnicos e ético-estéticos.

Tais protagonistas em rede ampliada qualificam seus processos de comunicação multilaterais: poder público, agentes elaboradores de políticas públicas, produtores culturais independentes e de mercado, organizações sociais e culturais, instituições de

ensino e arranjos culturais institucionalizados. A articulação em rede ampliada mobiliza e qualifica a utilização dos recursos presentes no município.

Segundo SANTOS e SILVEIRA (2001),⁹ Bauru faz parte da região concentrada, ocupada por próteses tecnológicas – digitais e analógicas -, que criam uma ecologia criativa facilitadora de projetos inventivos no campo da cultura. O município tem *hardware* e *software* para a articulação de projetos do campo da economia criativa, em seus principais componentes: patrimônio histórico, mídias, artes e inovação técnicas funcionais (PLANO DA SECRETARIA DA ECONOMIA CRIATIVA -2011-2014)¹⁰.

Os recursos mobilizados são públicos e particulares. O “Festival Canja” é realizado em espaços públicos, periféricos e centrais, em articulação com o poder público local, assim como o “Festival Seda”, realizado em vários pontos da cidade.

Os espaços se multiplicam na convergência de ações presenciais [reuniões de criação e planejamento] com as digitais [malha de ações digitais em redes próprias], como o projeto como o projeto e-Colab¹¹, projeto de extensão da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Bauru), nascido no caldeirão cultural do coletivo.

Observam-se, nos projetos desenvolvidos pelo coletivo FDEb, inovações nas gestões de processos - institucionalizados e independentes -, pessoas – em todas as etapas do ciclo criativo [planejamento, elaboração, captação, edição e difusão/fruição] de produtos, processos e serviços criativos – e de recursos públicos, particulares, analógicos e digitais.

NÓS EM REDE: CÍRCULO DE CONVERGÊNCIA ANALÓGICO E DIGITAL.

Produzido pelo coletivo “Fora do Eixo” e exibido pela TV UNESP/Bauru, o programa “Nós em Rede”¹² [ex-Enxamas] é a síntese de ações presenciais com as digitais. O conteúdo do programa repercute os debates realizados pelos membros do coletivo¹³: projetos, ações e intervenções culturais. Essa convergência – temática e de plataforma –

forma a base de um círculo de cultura pautado pelas ações presenciais e ampliado pela ferramenta digital.

As ações fundamentais - destacadas neste artigo - que caracterizam o círculo de cultura são reproduzidas nos dois espaços, de formas pontuais e ampliadas: diálogo, aprendizado no coletivo e intervenção social.

O coletivo promove diálogo entre os membros ativos e apoiadores dos projetos, em reuniões periódicas e extraordinárias, realizadas na sede do “Fora do Eixo”; entre os membros dos projetos e seus diversos parceiros culturais, organizados em coletivos e organizações, e o diálogo articulado desses agentes culturais em espaços sociais, para a comunicação com os seus diversos públicos.

Nessa ecologia criativa, formam-se os elementos fundamentais dos processos de aprendizados; observação da realidade factual, reflexão ampliada e coletiva dessa realidade, elaboração dos projetos e intervenção no real. Esse processo criativo se dá de forma coletiva – com a participação de diversos atores em todas as fases de criação – e de modo horizontal, com todos os atores no mesmo nível de hierarquização, independente da formação específica de cada um dos membros e de sua atuação social. O aprendizado se dá com base em problemas reais, com a mobilização coletiva à procura de soluções factíveis e inovadoras para a realização do projeto cultural.

Na linha temporal do planejamento [problematização do projeto, diagnóstico multilateral, planejamento de todas as fases criativas, organização/distribuição de tarefas e ações, e articulação de ferramentas de mensuração e correção] processam-se todas as negociações necessárias à intervenção coletiva e articulada dos membros internos e externos dos projetos.

Diálogos, aprendizados e intervenções se dão de forma dialética e dialogada. Nesse processo criativo inventam-se e reinventam-se novas possibilidades de gestão de processo, pessoas e recursos. O programa veiculado pela TV UNESP/Bauru [Nós em

Rede] percute na cidade, e implica ações da audiência ativa de criadores, produtores e fruidores culturais de Bauru.

A tecnologia digital da televisão fornece as ferramentas e as possibilidades de ampliação do círculo de cultura articulado no âmbito presencial e, graças às possibilidades digitais, com repercussão no âmbito digital, na forma de produtos, processos e serviços culturais no município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O coletivo cultural Fora do Eixo Bauru (FDEb), no seu processo de gestão de sistemas culturais, pessoas criativas – produtores e fruidores – e de recursos tangíveis e intangíveis, propicia a recriação das principais experiências observadas pelo educador Paulo Freire.

No seu planejamento, o FDEb estimula o diálogo multilateral com seus ativistas, apoiadores, organizações sociais de cultura, e com segmentos institucionais da cidade.

A articulação das ações presenciais com as ferramentas digitais, em especial com o programa “Nós em Rede”, veiculado pela TV/UNESP, amplia o espectro do diálogo, para a formação de produtores culturais locais, e para a organização da intervenção social e cultural.

Essa forma de organização horizontal e democrática qualifica o debate e o diálogo. Ela amplia o Círculo de Cultura, e promove a intersecção dos espaços presenciais e digitais, e contribui com a consolidação conceitual do território criativo da cidade de Bauru.

As ações do coletivo FDEb evidenciam sua maneira de ser e estar no mundo, bem como refletem sua visão de ser humana como um ser relacional e criador de cultura. Essa visão, em conformidade com a de Paulo Freire, permite identificar a presença de

características de um Círculo de Cultura – diálogo, participação, transformação - nos processos de criação do coletivo.

Ao mobilizarem espaços para o diálogo – presencial e digital – convidam os sujeitos dos processos – produtores e fruidores – para encontros onde todos pronunciam o mundo que os mediatiza. Conhecem e se reconhecem nas realidades pronunciadas, problematizam essas realidades e suas possibilidades, partindo de uma leitura da realidade factual em direção aos objetivos pretendidos no projeto cultural do coletivo.

Os projetos culturais elaborados no coletivo FDEb apontam para o “quefazer” pronunciado pelos sujeitos em diálogo. Esses sujeitos são por excelência produtores de cultura porque são ativos *na* e *com* a realidade. Uma realidade modificada constantemente por eles quando inventam e reinventam suas atividades para intervenções de valorização e preservação cultural na cidade.

Como parte do processo de criação coletiva encontra-se o respeito à participação de todos os sujeitos produtores de cultura. Ações presenciais ampliadas pelas ferramentas digitais apontam para a importância da comunicação entre os diversos sujeitos. Assim, os espaços de diálogo também funcionam como um coletivo aprendente, onde as diversas formas criativas de ser e estar no mundo e com o mundo são ensinadas e aprendidas. Revela-se a consciência crítica dos sujeitos aprendentes que é comunicada no coletivo e impulsiona seu potencial transformador da realidade.

O conhecimento construído no Círculo de Cultura do coletivo FDEb potencializa suas intervenções culturais na cidade de Bauru. Ele qualifica sua capacidade de articulação e diálogo crítico com o poder público, agentes elaboradores de políticas públicas, produtores culturais independentes e de mercado, organizações sociais e culturais, instituições de ensino e arranjos culturais institucionalizados; fortalece sua identidade como coletivo cultural, um espaço participativo e aprendente das relações dialéticas com a realidade da cidade. As intervenções do coletivo provocam transformações culturais, sociais, políticas e econômicas e contribuem com uma nova ecologia criativa.

A ecologia criativa do município favorece a articulação dos projetos culturais. O município tem consolidado diversos núcleos de cultura espalhados pela sua cartografia. Esses diversos núcleos formam o território criativo do samba, do hip hop, do teatro, da música independente, do audiovisual, da literatura. Esses territórios têm pontos de conexão, e formam o grande território da economia criativa da cidade.

Bauru é palco de grandes eventos culturais, locais, regionais e internacionais: virada e revirada cultural, evento internacional de teatro de boneco, festival de música independente, semana de projeção audiovisual. A existência desses núcleos de cultura é condição *sine qua non* para a consolidação das bases de uma cidade criativa, capaz de ser fonte do desenvolvimento econômico e social sustentável para a criação de bens, processos e serviços culturais, de caráter intangível.

Há, no município, arranjos produtivos locais de cultura (APLc) hegemônicos – de criação, capturação, edição, produção e difusão de bens simbólicos e culturais – e de cultura subalterna – cadeias produtivas e criativas capilarizadas em ateliers esparramados pela cidade.

Os projetos do coletivo cultural FDEb procuram conectar esses ateliers organizados em cadeias de criação. Suas intervenções para a articulação do Conselho Municipal de Cultura buscam estabelecer linhas de contatos, para a formação de uma rede de projetos culturais.

Foi esse o sentido do desenvolvimento de projetos [Seda, Canja, Cidade que queremos, e-Colab] na cidade, e de ações junto aos agentes independentes e institucionais. A articulação desses agentes cria uma unidade comum de identidade. O território é tomado por ateliers e arranjos culturais organizados de forma complexa. Arranjos pequenos, médios e grandes; institucionais e não institucionais; analógicos e digitais; presenciais e virtuais; tradicionais e inovadores. O ponto comum dessa identidade é a intervenção no território criativo da cultural.

O conjunto desses elementos [existência de núcleos de cultura capilarizados, os projetos de conexão entre esses diversos núcleos, a formação de uma identidade cultural em construção] impulsiona o interesse pela elaboração de políticas públicas culturais. Elas são a meta estratégica das ações do coletivo FDEb. As múltiplas dimensões da cultura [econômica, simbólica, social] implicam ações por ordenamentos legais que assegurem à cultura condições de desenvolver mecanismos de inclusão e formação da cidadania.

As experiências do FDEb [no enquadramento de um Círculo de Cultura] apontam para a possibilidade, junto com outros importantes atores sociais, de elaboração e consolidação de políticas públicas favorecedoras para o desenvolvimento sustentável, com inclusão social e cidadã dos seus criadores, produtores e fruidores de bens, processos e sistemas culturais, no território da economia criativa de Bauru.

REFERÊNCIAS.

- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.
- BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed., Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2005.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- LINDOSO, F. (Org.) **Rumos [do]jornalismo cultural**. São Paulo: Ed. Summus: Itaú Cultural, 2007.
- PRETTO, N. L.; SILVEIRA, S. A. da. (Orgs.) **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- TURINO, C. **Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima**. 2. ed. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2010.
- XAVIER, J. T. P.; XAVIER, P. A. M. **TV Digital, Educação Superior a Distância e Políticas Públicas: interatividade, multimídia e hipertextualidade – desafio da formação permanente do gestor de projetos culturais para a diversidade**. Revista EXTRAPRENSA – USP, Ano VI, número 11, dezembro de 2012, p.21-30. Disponível em <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/view/epx11-ges3>. Acesso 16/05/2013 às 22h.
-
- ¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.
- ² Professor doutor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; coordenador do curso de Jornalismo Faac/Bauru; pesquisador em jornalismo especializado; coordenador do Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa [NeoCriativa] e pesquisador do Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã, email: jxavier@faac.unesp.br
- ³ Mestre em Televisão Digital: informação e conhecimento pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; pedagoga pesquisadora em educação para as relações étnico-raciais; coordenadora do projeto Universo Negro Brasileiro [Brasil/Espanha], email: patriciaprof@uol.com.br

⁴ <http://foradoeixo.org.br/institucional> (Acesso 13/05/2013, às 15h30).

⁵ <http://www.enxamecoletivo.org/p/sobre-o-coletivo.html> (Acesso 13/05/2013, às 16h).

⁶ “Evento anual de fomento ao setor local de audiovisual, proporcionando palestras, oficinas, shows, mesas de debate, mostras, entre outros. A SEDA é um evento nacionalmente integrado ao Circuito Fora do Eixo, com o objetivo de movimentar a cadeia produtiva do setor, estimulando a circulação de conhecimento, agentes e filmes.” <http://www.enxamecoletivo.org/p/projetos.html> (Acesso 13/05/2013, às 16h30).

⁷ “O projeto assume as dinâmicas coletivas e a formação de redes como práticas sustentáveis que potencializam as ações e as movimentações culturais, bem como gera, atualiza e troca as tecnologias sociais voltadas ao desenvolvimento sócio-cultural da cidade e desenvolvidas a partir da inteligência colaborativa construída como o coletivo de produção do Festival Canja. O conceito de “Sustentabilidade” aplicado ao festival vem de autogestão, de suprir as necessidades de desenvolvimento sem prejudicar o ambiente, nem o ser humano. Ela também estimula o ser a expressar todo seu potencial de maneira a conscientizar o próximo e criar um sistema de manutenção do conhecimento adquirido e desses ideais, onde o foco são os processos e não os produtos.” <http://www.festivalcanja.com/eixo-tematico/> (Acesso 13/05/2013, às 17h)

⁸ “O SNC é um modelo de gestão e promoção conjunta de políticas públicas de Cultura, pactuadas entre os entes da Federação e a sociedade civil. Esse novo mecanismo assegura a transparência e o controle social do setor cultural, a partir da implementação de Conselhos de Política Cultural, Conferências de Cultura e outras formas de participação de produtores culturais e da comunidade em geral.” <http://blogs.cultura.gov.br/snc/2013/05/06/debate-sobre-sistema-nacional-de-cultura-reune-15-cidades-em-tupasp/> (Acesso 14/05/2013, às 14h).

⁹ “Os radares de Bauru e Presidente Prudente são operados pela UNESP (o primeiro foi implantado em 1974 com o apoio da FAPESP) e o de Ponte Nova-Salesópolis pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE). Além desses radares, o sistema de previsão do Estado de São Paulo completa-se com 35 estações de superfície, três estações de radiossonda, uma unidade de controle e gerenciamento de dados no Instituto Agrônomo e Astrofísico da USP e o centro de recepção de dados de satélite instalado no Centro de Ensino e Pesquisa em Agricultura da Unicamp.” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p.97)

¹⁰ <http://www.cultura.gov.br/secretaria-da-economia-criativa-sec> (Acesso 15/03/2013, às 10h08).

¹¹ O portal colaborativo e-Colab tem como objetivo “garantir o espaço da arte e da cultura independente em Bauru, retratando a cena atual, permitindo múltiplos olhares, estimulando a produção, democratizando o acesso aos eventos e coberturas em um espaço experimental de desenvolvimento de conteúdos, formatos e formação, além de agregar uma equipe híbrida.” <http://e-colab.blogspot.com.br/p/sobre.html> (Acesso 15/05/2013, às 10h15).

¹² O “programa da Casa Fora do Eixo Bauru em parceria com a TV Unesp, o ‘Nós em Rede’ faz um resumo mensal das atividades de promoção e divulgação cultural do coletivo.” <http://www.tv.unesp.br/nosemrede/sobre> (Acesso em 15/05/2013 às 11h05)

¹³ O coletivo cultural “Fora do Eixo” desenvolve o projeto “Pós TV”, que promove debate de questões estratégicas nacionais e locais, com divulgação simultânea pela internet: cotas raciais, direitos das mulheres, descriminalização das drogas, políticas públicas culturais.